

Estudos genéticos de tradução: uma disciplina emergente¹

Anthony Cordingley² e Chiara Montini³

AO LONGO DA ÚLTIMA DÉCADA, SURTIU UM NOVO CAMPO DE PESQUISA QUE PODE SER denominado “estudos genéticos de tradução”, em que se analisam as práticas de trabalho do tradutor e a evolução, ou gênese, do texto traduzido a partir do estudo dos manuscritos do tradutor, rascunhos e outros documentos de trabalho. Os estudos genéticos de tradução se concentram, portanto, nas transformações do texto traduzido durante o processo de sua composição. Pode também, como os estudos cognitivos da tradução, tentar inferir as estratégias e as operações mentais do trabalho do tradutor. Contudo, a sua metodologia se diferencia da abordagem cognitiva porque o seu objeto é a evidência textual da atividade tradutória mais do que o conteúdo do que se traduz. Mais especificamente, os estudos genéticos de tradução se desenvolveram dentro dos estudos de tradução literária através da aplicação da metodologia da crítica genética francesa (*critique génétique*) – conhecida em inglês como crítica genética (*genetic criticism*) ou genética de manuscritos (*manuscript genetics*) – para textos traduzidos. Aqui, os estudiosos são atraídos para a gênese de certas traduções, pelo seu valor estético ou literário, muito depois que as energias criativas que flamejaram durante o processo de composição tenham se apagado.

A crítica genética oferece uma metodologia com a qual é possível ver algo a mais no laboratório criativo do escritor. Ela defende que o texto publicado é apenas uma fase na evolução do texto, e que esse processo de transformação textual continua muito *depois* da publicação do trabalho, através de suas reedições, retraduições e diferentes recepções pela comunidade heterogênea de leitores. Este número da *Linguistica Antverpiensia* procura fazer um balanço da diversidade das abordagens genéticas aplicadas atualmente para o estudo da tradução e também gerar um diálogo entre estas e outras disciplinas científicas. Busca-se também provocar a crítica genética para que ela reavalie a sua metodologia à luz das especificidades da tradução e do texto traduzido. Igualmente, procura estimular a pesquisa dos estudos da tradução para as contingências do texto traduzido e as diferentes estratégias empregadas durante as inúmeras fases de sua composição.

¹ Tradução de Juan Manuel Terenzi, bolsista de doutorado CNPq orientado pela professora Liliana Reales. Membro do Núcleo Juan Carlos Onetti (UFSC). Texto cedido especialmente pelo autor para ser traduzido ao português (BR) do original: CORDINGLEY, A.; MONTINI, A.; “Genetic Translation Studies: An Emerging Discipline”. In: *Linguistica Antverpiensia*, 14, pp. 1-18, 2015. <https://lans-tts.uantwerpen.be>. Contato: jnterenzi@hotmail.com

² Doutor em Literatura Inglesa. Professor da The University of Sydney e Pesquisador Associado na “*Équipe Multilinguisme, Traduction, Création*” do L’Institut des textes et manuscrits modernes (ITEM), CNRS, Paris. Contato: anthony.cordingley@sydney.edu.au.

³ Doutora em Literatura francesa e comparada. Tradutora e Pesquisadora Associada na “*Équipe Multilinguisme, Traduction, Création*” do L’Institut des textes et manuscrits modernes (ITEM), CNRS, Paris. Contato: montini.chiara@gmail.com

Crítica genética: um breve panorama

A *critique génétique* nasceu na França em meados da década de 1960, durante a mudança das concepções estruturalistas do texto para as pós-estruturalistas, e em um clima intelectual onde a autoridade⁴ do autor, bem como a estabilidade tanto da obra publicada quanto da palavra escrita foram trazidas ao debate⁵. Enquanto as críticas pós-estruturalistas do texto confrontavam os pressupostos da estabilidade do texto com a sincronia evolutiva e a rede intertextual da qual depende, a crítica genética procurou desafiar a sacrossanta autoridade do texto publicado ao mostrar que ela é apenas uma fase em um *continuum* da criação textual⁶. Com esse movimento, eles também trouxeram para o debate um modelo de autoridade herdado do período Romântico: revelando que o labor da criação do texto dinamita o tão aclamado mito do gênio do autor. Não se pode mais sustentar que as grandes obras da literatura testemunham a canalização da essência metafísica através do autor em seu momento de inspiração. Os estudos genéticos mapeiam as fases diacrônicas da composição de um texto através da constituição do que é denominado “*dossier génétique*”. O dossiê genético inclui os *avant-textes* (termo que permanece em inglês) do trabalho⁷, que são classificados tanto como “exogenéticos”, sendo fontes para o trabalho (notas, artigos, imagens e livros), quanto “endogenéticos”, isto é, produzidos durante a composição do texto (manuscritos, rascunhos, provas de páginas corrigidas)⁸. Embora essas categorias forneçam uma distinção clara para os pesquisadores, elas podem ser consideradas imperfeitas, pois geralmente existem casos onde a divisão entre exogênese e endogênese é turva.

A metodologia da crítica genética começou no fim da década de 1960, quando Louis Hay estava trabalhando nos manuscritos de Henri Heine. Hay fundou o que viria a ser o Institut des textes manuscrits modernes (ITEM) em Paris, onde estudiosos como Pierre-Marc de Biasi, Jean-Louis Lebrave, Daniel Ferrer e Almuth Grésillon desenvolveram a sua metodologia. Buscaram distinguir a crítica genética da filologia tradicional e da crítica literária biográfica⁹, afirmando que o seu objeto de estudo não é o texto “acabado” mas o “work in progress”. Diferentemente da filologia italiana, e mesmo do seu conceito posterior de “variantística”¹⁰, que é mais próximo da crítica genética em seu estudo do processo de escrita, a crítica genética não considera o texto publicado como sendo o trabalho completo, mas sim o último estágio em um *continuum* do nascimento do texto. Eles não se alinham com os métodos de Lachmann, e procuram se afastar do

⁴ O termo no original em inglês é ‘*authority*’, e penso ser mais indicado a tradução por ‘autoridade’ ao invés de ‘autoria’.

⁵ BARTHES, R.. De l’oeuvre au texte. *Revue d’esthétique*, nº 24(3), 225–232, 1971.

⁶ BELLEMIN-NOËL, J. *Le texte et l’avant-texte: les brouillons d’un poème de Milosz*. Paris: Larousse, 1972.

⁷ FERRER, D. Avant-texte. *Dictionnaire de Critique Génétique*. Disponível em: [www.item.ens.fr]. Consultado em: 20 oct. 2015, 2010.

⁸ DEBRAY-GENETTE, R.. Génétique et poétique: le cas Flaubert. In: L. HAY (Ed.), *Essais de critique génétique*. Paris: Flammarion, 1979, p. 21-67.

⁹ FERRER, D.. Production, invention and reproduction: Genetic vs. textual criticism. In: BERGMAN LOZEAUZ, E.; FRAISTAT, N. (Eds.), *Reimagining textuality: Textual studies in the late age of print*. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 2002, p. 48-59. FERRER, D.. Critique génétique et philologie: racine de la différence. *Genesis*, 30, 21-23, 2010. LEBRAVE, J.-L.. La Critique génétique: une discipline nouvelle ou un avatar moderne de la philologie? *Genesis*, nº 1, 1992, p. 33-72.

¹⁰ CONTINI, G.. *Variante e altra linguistica*. Torino: Einaudi, 1970.

academicismo anglo-americano¹¹, que tradicionalmente focaram em restituir uma versão/edição mais correta, ideal ou melhor possível do texto através da pesquisa manuscrita. Enquanto uma edição genética publicada pode ser o resultado de uma pesquisa genética, a crítica genética reivindica que o foco de sua pesquisa é a classificação e análise do processo que rege o percurso do texto até o seu surgimento, o mapeamento e entendimento das diferentes fases da sua composição¹². No entanto, Van Hulle¹³ aponta que estudiosos do texto não negligenciam tais dimensões, embora isso tenha sido importante no clima cultural da França pós-estruturalista para a crítica genética distanciar-se da filologia tradicional – que foi estigmatizada pela procura de suas origens e intenções do autor –, geralmente é difícil discernir a diferença entre crítica genética e academicismo textual, como cada uma é atualmente praticada.

Hoje, as abordagens genéticas no estudo da literatura são praticadas em várias línguas ao redor do mundo¹⁴. No ITEM, esse método está sendo atualmente aplicado fora do seu campo tradicional de estudos literários, tanto que, paralelamente a equipes de estudiosos que trabalham autores canônicos como Flaubert, Joyce, Nietzsche, Proust, Valéry e Zola, temos também aqueles que trabalham a gênese de textos filosóficos e linguísticos, como a autobiografia e temas correspondentes. A metodologia também foi adaptada para diferentes meios – o ITEM compreende equipes dedicadas ao estudo genético de trabalhos artísticos e objetos arquitetônicos, de filmes e fotografia. Em 2010, um grupo de estudiosos formou uma equipe dedicada a textos traduzidos e multilíngues, embora a tradução genética fosse praticada no ITEM desde o início da década de 1990, quando estudiosos trabalhando nos arquivos de Paul Valéry foram apresentados aos manuscritos de suas traduções. Em 1995, publicaram uma coleção de artigos, *Génétiq ue & Traduction*¹⁵ após uma conferência em Arles (França) dedicada a esse tema. Porém, só na década passada é que se deu o impulso necessário para elencar os estudos genéticos de tradução. Recentemente, algumas conferências tiveram lugar no Brasil – “I Simpósio Internacional de Crítica Genética, Tradução Intersemiótica e Audiovisual” (Nuproc, 2011) e “II Simpósio Internacional de Crítica Genética e Tradução” (Universidade Federal de Santa Catarina, 2014) – bem como na França – “La traduction et la question du choix” (Paris, ENS, 2014; Montini, 2015) e “Les grands traducteurs dans les archives de l’IMEC” (IMEC, Caen, 2015). A European Society for Textual Scholarship dedicou a sua sexta Conferência Internacional aos “Texts beyond borders: Multilingualism and Textual Scholarship”, realizada em Bruxelas em 2009, o que resultou em um

¹¹ GREETHAM, D. C.. *Textual scholarship: An introduction*. Garland Reference Library of the Humanities 1417. New York, NY: Garland, 1994.

¹² DE BIASI, P.-M.. *Génétiq ue des textes*. Paris: CNRS, 2011. Ferrer, D.. *Logiques du brouillon: modèles pour une critique génetiq ue*. Paris: Seuil, 2011. GRESILLON, A.. *Eléments de critique génetiq ue*. Paris: PUF, 1994. HAY, L.. *Les Manuscrits des écrivains*. Paris: Hachette, CNRS, 1993. WILLEMART, P.. *Critique génetiq ue: pratiques et théories*. Paris: L’Harmattan, 2007. Uma interessante coleção de textos de crítica genética em inglês encontra-se em DEPPMAN; J.; FERRER, D.; GRODEN, M. (Eds.). *Genetic criticism: Texts and avant-textes*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2004.

¹³ VAN HULLE, D.. *Modern manuscripts: The extended mind and creative undoing from Darwin to Beckett and beyond*. London: Bloomsbury, 2014, p. 8-11.

¹⁴ Atualmente, a crítica genética vem experimentado renovado interesse em países tão diversos como a Bélgica (especialmente pelo trabalho desenvolvido no Centro para a genética de manuscritos na Universidade da Antuérpia), o Brasil (com a Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética), Reino Unido, Itália e China.

¹⁵ BOURJEA, S. (Ed.). *Génétiq ue & traduction*. Paris: L’Harmattan, 1995.

número especial da revista *Variants*¹⁶. Os estudos genéticos de tradução foram tema de um periódico no campo da crítica genética¹⁷ e de estudos italianísticos. A técnica foi usada para descobrir exemplos de intervenção colaborativa e autoral na tradução¹⁸. No Brasil, a questão foi tratada em artigos¹⁹, em uma coleção editada²⁰, e em um número especial de *Manuscrita*²¹. Artigos importantes apareceram em periódicos sobre estudos da tradução²². Além disso, monografias recentes ofereceram uma profunda reflexão e análises na genética da tradução em inglês, francês e português²³.

Esses estudos mais recentes não tratam a escrita da tradução como sendo menos prestigiosa ou menos complexa do que o texto fonte, mas como uma escrita que desenvolve estratégias que correspondem aos diferentes conjuntos de condições. Enquanto este campo se encontra em sua infância, estudos feitos até o momento sugerem que uma das grandes forças da abordagem genética da tradução está em sua capacidade de problematizar a tão discutida “autoridade” do tradutor. De fato, os estudos deste número de *Linguistica Antverpiensia* demonstram que o grau em que o tradutor exerce a sua criatividade na tradução – sem mencionar o seu envolvimento na domesticação ou em estratégias de estrangeirização ao traduzir – muda durante a gênese da tradução. A discussão dessas questões nos estudos da tradução geralmente supõe que o tradutor adota uma posição ou estratégia com a qual se compromete. Porém, ao estudar o processo de composição da tradução, observa-se que os tradutores adotam diferentes estratégias em diferentes momentos da composição de suas traduções. Ignorar a história da criação tradutória faz com que não se observem as diferentes práticas empregadas durante os primeiros esforços do tradutor, para quem o texto fonte deve ser mantido próximo, e as etapas de revisão subsequentes, em que o tradutor deve exercer uma maior “autoridade”, usando o seu critério para intervir no texto. Neste caso, uma tradução que tenha começado muito próxima do texto fonte deve demonstrar na sua fase final uma grande liberdade, bem como criatividade. Ou o estudo genético deve revelar a estratégia oposta: o tradutor deve se permitir um grau de liberdade e jogar com os rascunhos que ele(a) sente que devem ser censurados do trabalho publicado. Reivindicar, em ambos os casos, que o tradutor é um tradutor que exerce a estratégia visível no texto publicado significa descrever parcialmente a natureza do seu trabalho.

¹⁶ DILLEN, W.; CAROLINE, M.; VAN HULLE, D. (Eds.). Texts beyond borders: Multilingualism and textual scholarship [Special issue]. *Variants: The Journal of the European Society for Textual Scholarship*, nº 9. Amsterdam: Rodopi, 2012.

¹⁷ Traduire [Edição especial]. *Genesis*, nº 38, 2014.

¹⁸ ANOKHINA, O. Les traductions vers l'anglais de Vladimir Nabokov: traduction ou autotraduction? *Glottopol*, nº 25, 2015, p. 198-210. HARTMANN, E. C.. Histoire d'une traduction. *Souffles de Perse*, nº 9, 2000, p. 11-27.

¹⁹ GRANDO, C.. Genética e tradução: A poética de Hilda Hilst. *Manuscrita. Revista de Crítica Genética*, nº 10, 2001, p. 141-153.

²⁰ ROMANELLI, S.; SOARES, G. N.; DE SOUZA, R., (Eds.). *Dom Pedro II: Um tradutor imperial*. Florianópolis: Editora Copiart, 2013.

²¹ GAMA, M.; PINO, C. (Eds.). Tradução [Edição especial]. *Manuscrita. Revista de Crítica Genética*, nº 20, 2011.

²² MUNDAY, J.. The role of archival and manuscript research in the investigation of translator decision-making. *Target. International Journal of Translation Studies*, nº 25(1), 2013, p. 125-139. Scott, C.. Translating the literary: Genetic criticism text theory and poetry. In: BASSNETT, S.; BUSH, P. (Eds.), *The translator as writer* London: Continuum, 2006, p. 106-117.

²³ PARET-PASSOS, M.-H.. *Da crítica genética à tradução literária: uma interdisciplinaridade*. Vinhedo: Horizonte, 2011. ROMANELLI, S.. *Gênese do processo tradutório*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013. SARDIN-DAMESTOY, P.. *Samuel Beckett, autotraducteur ou l'art de l'« empêchement »*. Artois: Presses Universitaires d'Artois, 2002. VAN HULLE, D.; WELLER, S.. *The making of Samuel Beckett's 'L'Innommable' / 'The Unnamable'*. London: Bloomsbury, 2014.

A procura pela origem na tradução e a crítica genética

Rever a crítica genética através da tradução permite que se repensem as premissas da pesquisa filológica e a questão de sua tão contestada busca pela origem. O estudioso francês Henri Meschonnic destacou a centralidade da tradução na cultura ocidental quando ele deu início aos seus cursos “*Tout est traduction*”. Esse sentimento encontra eco no livro *Volgarizzare e tradurre: in principio fuit interpres* de Gianfranco Folena²⁴. Folena detecta na tradução a origem de toda tradição literária e, assim, reformula o velho clichê do *traduttore/traditore* para *traduzione/tradizione*. Tradição é tradução porque sem a tradução não há tradição, e tradução é tradição no sentido de que é uma troca histórica e presente da herança cultural. A história das tradições culturais é a história da tradução.

A tradução é ao mesmo tempo origem e transmissão. Considerar a tradução como origem não introduz a ideia de equivalência entre origens e “origens” textuais. Tampouco submete a tradução a uma lógica hierárquica de subordinação, posterioridade e repetição defeituosa. Ela afirma a necessidade por uma originalidade em todo ato de tradução literária, que, por definição, não pode meramente replicar ou reproduzir formas anteriores. Também sugere a paridade entre escrita e tradução que Proust pressentiu quando designou o escritor como tradutor e artífice: “*Le devoir et la tâche d'un écrivain sont ceux d'un traducteur*”²⁵, que é reformulada por Samuel Beckett: “The artist has acquired his text: the artisan translates it. ‘The duty and task of a writer (not an artist, a writer) are those of a translator’”²⁶.

Nesta linha, o presente número de *Linguistica Antverpiensia* investiga o processo de tradução como o movimento da tradição e da história cultural, traçando suas transformações de uma determinada língua e cultura para outra. Os artigos deste número propõem diferentes interpretações da tradução como texto (a gênese de um texto independente) e/ou pós-texto (a etapa seguinte na gênese do texto fonte). A crítica genética tem dado pouca atenção ao pós-texto, em compensação – nos estudos da tradução mais recentes – muita atenção foi direcionada em estabelecer a independência do texto traduzido. O estudo dos *avant-textes* do tradutor revela o momento diacrônico e a temporalidade particular do nascimento da tradução, da aquisição de sua independência. Porém, os *avant-textes* também dão testemunho da transformação pós-textual do trabalho publicado. De fato, um estudo genético da tradução desloca a atenção da crítica genética do *avant-texte* para o pós-texto, e o foco dos estudos da tradução é deslocado da tradução publicada para a sua gênese, revelando ao mesmo tempo as inúmeras estratégias usadas pelo tradutor em diferentes momentos da composição do texto.

²⁴ FOLENA, G. *Volgarizzare e tradurre*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, 1994, p. VII.

²⁵ O dever e a tarefa de um escritor são aquelas de um tradutor. PROUST, M.. *Le temps retrouvé*. Vol. IV. Paris: Pléiade, Gallimard, 1998, p. 45.

²⁶ O artista conquistou o seu texto: o artesão o traduz. “O dever e a tarefa de um escritor (não de um artista, de um escritor) são aquelas de um tradutor.” BECKETT, S.. *Proust and three dialogues with Georges Duthuit*. London: John Calder, 1976, p. 84.

Desafios para os estudos da tradução genética

Assim como a crítica genética foi necessária para desafiar a herança romântica nos estudos literários, um estudo genético da tradução é necessário para visibilizar certas complexidades no processo de composição. Contudo, os estudiosos da crítica genética têm sido morosos em adaptar a sua metodologia ao texto traduzido, e esta negligência os deixou vulneráveis à acusação de que também eles têm sido vítimas da veneração do próprio original que tanto têm criticado. Apenas quando o tradutor adquiriu um “poder simbólico” independente no campo cultural – adotando uma terminologia de Bourdieu – alguma força pode ser adquirida em favor da ideia de que os *avant-textes* do tradutor mereciam ser considerados como objetos de estudo. Entretanto, o que acontece na realidade é que várias circunstâncias têm conspirado contra a simbiose destes dois campos de pesquisa.

Os estudiosos da crítica genética normalmente trabalham fora do campo dos estudos da tradução, e apenas recentemente começaram a participar nos debates que procuram resgatar a tradução da sua destituição como uma atividade derivada e secundária²⁷. A simbiose entre *critique génétique* e os estudos da tradução tem sofrido pelo fato de que a *traductologie* francesa consolidou-se como uma disciplina relativamente tardia, e tem provado ser – por várias questões culturais – lenta para se engajar completamente nos debates internacionais dos estudos da tradução, que utiliza o francês como *lingua franca*. Introduzindo uma das primeiras coleções de artigos dedicados à genética da tradução – um número especial do ano de 2014 do periódico sobre crítica genética, *Genesis* – Fabienne Durand-Bogaert²⁸ observa que foi apenas nas décadas de 1970 e 1980 que os estudos da tradução se tornaram, na França, uma disciplina autônoma não confinada ao campo da linguística, estilística ou literatura comparada. Entretanto, mais importante ainda para que a genética da tradução surgisse, ela precisou vencer o preconceito de que as traduções são efêmeras e historicamente contingentes. Elas eram consideradas efêmeras não apenas porque o tradutor era esquecido pela história, existindo na sombra do autor, mas porque o seu trabalho parecia existir apenas no presente transitório. Enquanto o texto do autor era tido como definitivo e permanente, as traduções se multiplicavam, eram corrigidas, revisadas, atualizadas e continuamente recontextualizadas pelos pesquisadores.

O preconceito ideológico que levou os estudiosos genéticos a negligenciar a tradução também teve sérias consequências materiais para a possibilidade de conduzir uma pesquisa da tradução genética. Sabe-se que manuscritos têm sido coletados desde a Idade Média, porém, os manuscritos existentes escritos de próprio punho e anteriores ao século 18 são muito raros, já que a maioria dos manuscritos sobreviventes são cópias produzidas por escribas dentro dos mosteiros. Mesmo assim, a obsessão moderna pela originalidade valoriza o material autógrafo acima de tudo. A fascinação em coletar os manuscritos do autor é atribuída a Victor Hugo, de quem se afirma que protegia seus rascunhos como se a sua vida dependesse deles, e ele foi o primeiro a legá-los à Bibliothèque Nationale de France²⁹. O gesto de Hugo foi e continua sendo repetido por um grande número de escritores na França e fora dela, enquanto instituições e arquivos vêm acumulando coleções enormes e valiosas desse material.

²⁷ A grande exceção aqui é o autotradutor, cujas “traduções” se beneficiam do estatuto de sua autoridade.

²⁸ DURAND-BOGAERT, F.. Présentation: ce que la génétique dit, la traduction le fait. Traduire [Edição especial]. *Genesis*, n° 38, 2014, p. 7

²⁹ DE BIASI, P.-M.. *Génétique des textes*. Paris: CNRS, 2011, p. 19-20.

Porém, o culto do gênio que surgiu no século 19 e potencializou o desejo de recolher os manuscritos do autor não se estendeu aos tradutores, que precisaram aguardar o século seguinte para atrair a atenção de colecionadores e arquivistas. Um tanto quanto irônico, a única tradução genética que foi possível é quase invariavelmente aquela que reforçou o padrão cultural de autores canônicos ou de pessoas de interesse histórico pela mesma razão de que apenas as traduções destas pessoas foram coletadas. Contrariamente ao que Walter Benjamin afirmava “até mesmo a melhor tradução está determinada a fazer parte do crescimento de sua própria linguagem e eventualmente perecer com a sua renovação”³⁰, algumas traduções resistiram à prova do tempo. Geralmente são traduções daqueles cuja posição no campo cultural já se encontra legitimado por sua autoridade literária. Levando em conta apenas a tradição ocidental, se pensa imediatamente em alguns autores-tradutores como Artaud, Baudelaire, Beckett, Benjamin, Chateaubriand, Cícero, Dryden, Fitzgerald, Hölderlin, Mallarmé, Milton, Nabokov, Pavese, Petrarca, Pound e Valéry. De fato, por um longo período, apenas os manuscritos de autores-tradutores eram considerados não descartáveis ou destituídos de valor artístico, cultural e comercial e subordinados ao “original”. Sem relevo autoral, os manuscritos dos tradutores não tinham – até recentemente – aparecido em bibliotecas ou instituições, e os estudos genéticos de tradução focaram, por conseguinte, em um grupo seleto de autores-tradutores, incluindo Baudelaire, Beckett, Mallarmé, Nabokov, Pound e Valéry.

Como a sua arte não era reconhecida e os seus documentos eram considerados sem valor, os próprios tradutores raramente mantinham seus manuscritos ou documentos de trabalho. E mesmo quando possuem esse material, eles são relutantes em oferecê-lo aos pesquisadores. Durand-Bogaert³¹ conta a sua experiência em procurar obter acesso aos documentos de pelo menos cinco grandes tradutores franceses que mesmo reconhecendo o valor desse material para os pesquisadores não quiseram compartilhá-lo. Isso sugere que esses tradutores sentem a pressão de se conformar a um modelo de autoridade como um gênio inspirador, preferindo esconder as suas elaborações e reelaborações, seus equívocos e falsos começos, suas correções e retrocessos, como se o fato de mostrar o mecanismo de suas traduções fosse revelar que são menos capazes da versão final polida.

Contudo, duas tendências recentes contribuíram para abrir as possibilidades para a pesquisa genética na tradução. A primeira delas se refere às constantes mudanças do estatuto do tradutor e um reconhecimento mais amplo da importância da tradução. A ascensão nos estudos da tradução provocou uma ampla reavaliação dentro do campo das humanidades sobre a importância da tradução para compreender a transferência internacional da cultura e das ideias. Certas instituições estão respondendo a esta tendência e apoiando a pesquisa tradutória ao investir nas coleções dos manuscritos dos tradutores. Muitos repositórios acerca dos documentos dos tradutores podem agora ser consultados, por exemplo, na Lilly Library na Universidade de Indiana, o Harry Ransom Center na Universidade do Texas em Austin, a Universidade de East Anglia no Reino Unido, e o Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine (IMEC) em Caen, França. Tais coleções facilitaram o crescimento dos estudos genéticos de tradução, mesmo quando em alguns casos os pesquisadores não situavam a sua metodologia ou os seus resultados dentro do quadro da crítica genética³².

³⁰ BENJAMIN, W.. The Task of the translator. In: BULLOCK, M.; JENNINGS, M, (Eds.), *Selected writings*. Vol. 1 1913–1926. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 2002, p. 153.

³¹ DURAND-BOGAERT, F.. Les deux corps du texte. Traduire [Edição Especial]. *Genesis*, n° 38, 2014, p. 14.

³² GUZMÁN, M. C.. *Gregory Rabassa's Latin American literature: A translator's visible legacy*. Lewisburg, PA: Bucknell University Press, 2010. GUZMÁN, M. C.. Translation north and south: Composing the translator's archive. In:

O segundo grande fator que permitiu o recente surgimento dos estudos genéticos de tradução são as mudanças tecnológicas dentro do ambiente laboral do tradutor, sem mencionar o do pesquisador. Os efeitos da revolução digital ainda não foram totalmente compreendidos dentro dos estudos genéticos de tradução, mas não há dúvidas de que a digitalização do espaço de trabalho do tradutor oferece um acesso inédito aos seus *avant-textes*. A capacidade de salvar várias versões do texto, armazená-lo, categorizá-lo e também analisá-lo por computadores apresenta aos pesquisadores uma nova série de desafios teóricos, tecnológicos e práticos que os futuros estudos genéticos de tradução terão que enfrentar. Eles irão se beneficiar com os avanços de disciplinas emergentes, porém relacionadas, como a forense digital, especialista na recuperação de informação de computadores e armazenamento digital; gestão da informação digital, que se concentra nas estratégias de armazenamento de dados e no seu aproveitamento; e a computação linguística, sobretudo a linguística de corpus, que permite o processamento linguístico de volumes de dados que são tão grandes que os torna impraticáveis para uma análise não-computadorizada. Igualmente crucial é a normalização do uso da ferramenta CAT nesta profissão: como as tecnologias de tradução estão gradativamente sendo integradas aos programas de treinamento do tradutor e sendo usadas no seu espaço de trabalho, os tradutores irão cada vez mais produzir trabalhos que serão periodicamente salvos e registrados nos arquivos do projeto de suas traduções. Além disso, eles irão se sentir mais confortáveis usando essas tecnologias fora dos contextos da tradução técnica ou pragmática. O fato de o formato do arquivo Translation Memory eXchange (TMX) ser escrito na linguagem computacional XML significa que tal informação *genética* poderá ser aproveitada por um grande número de ferramentas atuais e futuras, sem mencionar os estudiosos multiespecializados da tradução genética. Da mesma forma, a democratização do acesso aos *avant-textes* da tradução através de edições digitais, websites ou base de dados está permitindo o acesso desse material aos pesquisadores. Um exemplo disso é o Beckett Digital Manuscript Project (www.beckettarchive.org), pioneiro neste campo, oferecendo acesso aos manuscritos das versões francesas e inglesas dos textos bilíngues de Beckett, fornecendo ao mesmo tempo ferramentas computacionais para a visualização comparativa e para a análise desses *avant-textes*.

Por uma genética da tradução

Os artigos deste número da *Linguistica Antverpiensia* apresentam estudiosos demarcando o campo emergente dos estudos da tradução genética. Usando os *avant-textes* da tradução para testar, medir e analisar os métodos da tradução, estes estudos reorientam os estudos da tradução da seguinte forma:

- 1) Eles situam o texto fonte dentro da gênese da tradução ao observar:
 - as mudanças na proximidade entre a tradução e o texto fonte ao longo da gênese da tradução;
 - as restrições e as condições que a reescrita do texto fonte impõem no trabalho do tradutor;
 - o impacto que o acesso aos *avant-textes* do texto fonte têm sobre a tradução;

BUZELIN, H.; NOUSS, A. (Eds.), Translating concepts in human and social sciences: Around Daniel Simeoni's thinking [Special issue]. *TTR*, n° 27(1), 2014. Munday, J.. The role of archival and manuscript research in the investigation of translator decision-making. *Target. International Journal of Translation Studies*, n° 25(1), 2013, p. 125-139.

- como os estudos genéticos do texto fonte e do texto de chegada fornecem provas para os estudos comparando a escrita autoral com a escrita da tradução.

2) Calculam os diferentes graus da visibilidade e subjetividade do tradutor ao estudar:

- os processos cognitivos envolvidos durante o processo da tradução;

- os diferentes, mas geralmente imbricados, processos de tradução e revisão do tradutor;

- o contato entre as línguas durante o processo de tradução que gera novas formas híbridas de linguagem.

3) Reconhecem a tradução como um processo multifacetado e interativo ao revelar:

- os processos colaborativos que influenciam uma tradução (o impacto dos autores, outras traduções e tradutores, amigos e colegas, revisores, editores, comunidades virtuais);

- a interação do autor com terceiros;

- como as traduções podem alimentar ou estimular outros trabalhos criativos do autor-tradutor.

Esses estudos dos *avant-textes* especificam as diferentes estratégias e processos dos tradutores que abordam ao mesmo tempo várias das questões acima, pois escrevem para diferentes audiências e diferentes meios, incluindo a imprensa, o teatro, os filmes (dublagem) e a internet.

Em “Gender, Genetics, Translation: Encounters in the Feminist Translator’s Archive of Barbara Godard” de Eva Karpinski, o estudo manuscrito revela a importância da colaboração entre autor-tradutor no desenvolvimento de uma poética da tradução em Godard. Karpinski analisa “a tradução [como] um processo do pensamento e uma transformação multidirecional, recursiva e dialógica; uma combinação criativa mais do que uma substituição transparente do significado”, demonstrando a capacidade da crítica genética trilhar junto os processos do pensamento do tradutor através dos seus traços materiais. Tal reciprocidade entre as estratégias genéticas do próprio tradutor e a sua poética de tradução é explorada no estudo que Dirk Van Hulle faz sobre a auto-tradução em Samuel Beckett e na tradução ao holandês do *Finnegans Wake* de James Joyce. Van Hulle identifica cinco contextos diferentes onde a crítica genética e os estudos da tradução podem se comunicar mutuamente: (1) quando o estudo da gênese do texto fonte auxilia o tradutor; (2) quando a tradução chama a atenção para as contingências textuais da gênese complexa do texto fonte; (3) quando a gênese do texto fonte se torna parte da tradução; (4) quando a gênese da tradução pode complicar a sua fonte, sem mencionar – no caso de um autor-tradutor como Beckett – quando se podem alterar as edições posteriores do texto fonte; e (5) quando o estudo genético de textos ou frases denominado(a)s de intraduzíveis os torna compreensíveis e, assim, traduzíveis. A escrita bilíngue de Beckett é contrastada com o multilinguismo de Joyce, que desafia e modifica o inglês padrão ao abrigar idiomas estrangeiros.

Tais práticas multilíngues geram um espaço fronteiriço entre as línguas onde Marie-Hélène Paret-Passos evoca a premissa de Louis Hay de que os estudiosos da crítica genética penetram “*la troisième dimension de la littérature, celle de son devenir, elle nous permet de voir les diverses composantes de l’écriture-socialité et individualité, pensée et inconscient, langue et forme – dans la combinatoire mouvante de leurs interactions dont naît le mouvement d’une genèse*”³³. O conceito de Hay da existência de um terceiro espaço inspira a analogia de Paret-Passos entre o estudo genético e os processos de tradução, onde o terceiro espaço do primeiro é comparável à língua única da tradução.

³³ “a terceira dimensão da literatura, aquela do seu devir, que nos permite ver os diversos componentes da escritura socializada e individualizada, pensamento e inconsciente, língua e forma – dentro da combinatoria movente de suas interações onde nasce o movimento de uma gênese”. HAY, L.. *Les Manuscrits des écrivains*. Paris: Hachette, CNRS, 1993, p. 87.

Em “*Les cahiers de travail d’un traducteur: analyse d’un traduire-écrire*”, Donald Schüller *traducteur de James Joyce*, ela estabelece um diálogo com as teorias da tradução de Henri Meschonnic e revela que a tradução ao português do *Finnegans Wake* de Schüller é uma recriação linguística autônoma e completa. Ela conclui que, em última instância, o *Finnegans Wake* de Joyce se torna uma espécie de laboratório da linguagem para o tradutor.

Elisa Bricco também considera os manuscritos do tradutor como um laboratório onde o espaço do trabalho hermenêutico do tradutor (em progresso) se torna mais visível. Em “*Le dossier du traducteur: Giorgio Caproni à l’épreuve de la poésie française*”, ela relata que Caproni abandona uma estratégia mais literal – optando por uma estratégia de tradução mais livre – quando ele revisita, após muitos anos, a sua tradução do poema “*Passage de la Visitation*” de André Frénaud. Ela também detecta a influência da colaboração entre Caproni e o autor em sua nova estratégia poética. O estudo de Bricco entra, portanto, naquilo que Romanelli chama de espaço do manuscrito “não censurado” em sua contribuição “*Manuscrito e Tradução: Espaços de Criação*”. Romanelli coloca uma vez mais a questão que foi considerada autoevidente por um longo período: qual o propósito de se trabalhar com um material que o tradutor considerou indigno de publicação, como o produto residual de suas hesitações, formulações fracassadas e mal-entendidos? Para Romanelli, o estudo dos *avant-textes* permite aos pesquisadores o acesso ao espaço onde os tradutores ousam experimentar, testam soluções e cometem erros (consciente ou inconscientemente), onde estão mais à vontade para transgredir regras e permitir que suas mentes trabalhem livremente, onde se permitem, numa palavra, ser criativos. O trabalho gravado na página permite ao tradutor um agente visível operando dentro de uma matriz cultural interligando duas ou mais línguas. É justamente isso que Romanelli demonstra quando a sua análise dos manuscritos de dois diferentes tradutores – Sara Virgilitto, que traduz Emily Dickinson, e Dom Pedro II, poliglota e tradutor multifacetado, bem como um estudioso insaciável de línguas – dão mostras de um grau de liberdade e criatividade que é muito maior do que aquele que um tradutor se permitiria em sua tradução publicada.

Esses artigos abordam, portanto, a especificidade dos estudos genéticos de tradução de textos escritos. Contudo, as condições singulares de traduzir para determinados meios, seja ele teatral, cinematográfico, musical ou digital, são igualmente explorados neste número da revista.

Em “*The Pursuit of Beauty by an Aesthete: A Study of Harold Acton’s Manuscripts of Popular Chinese Plays*” Xingzhong Guan combina uma abordagem genética com a teoria da tradução teatral fundamentada por Poyatos, “a metamorfosização de imagens multi-sensoriais da performance em imagens da escrita visualmente perceptíveis” (Poyatos citado por Guan). Guan mostra como a tradução de Harold Acton transforma gradativamente o seu texto *na página* em um texto que adapta imagens multissensoriais às exigências do palco. Se, como Guan assinala, toda tradução pode ser considerada um “*supplément*” de acordo com Derrida³⁴, uma “*palingênese*”, ou regênese do original, a tradução para o palco é uma performance que se prepara para a sua interpretação teatral, oferecendo um novo suplemento para a sua gênese na forma de uma série de protocolos.

Embora possa parecer difícil imaginar um suplemento para o *Ulysses* de James Joyce, um trabalho que aspira a canalizar toda a história da humanidade em um só dia, é exatamente isso que Rosa Maria Bollettieri e Serenella Zanotti descobrem em “*Exploring the Backstage of Translations: a study of translation-related manuscripts in the Anthony Burgess archives*”. Elas repassam a suposta tradução italiana do libreto de Anthony Burgess para o musical *Blooms of Dublin*, baseado

³⁴ DERRIDA, J.. *L’Écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967, p. 314.

no *Ulysses* de James Joyce. Recompondo a complexa relação entre seis diferentes manuscritos que se encontram na Europa e nos Estados Unidos, bem como os papéis desempenhados pelos diferentes indivíduos envolvidos, elas reconstroem as condições e fases – até então desconhecidas – da gênese do manuscrito que modelaram o nascimento do texto.

De fato, uma abordagem genética da tradução expõe, além disso, a natureza oculta e colaborativa do trabalho do tradutor. Em “*Genética del doblaje cinematográfico. La versión del traductor como proto-texto en el filme Rio*”, ao analisar os *avant-textes* da tradução espanhola do filme infantil *Rio*, Julio de los Reyes Lozano descobre evidências de diferentes níveis de comunicação extratextual que são específicas na tradução para dublagem. Não só alguns símbolos de dublagem são incluídos para indicar elementos paralinguísticos do filme, mas o tradutor também comunica para os seus leitores (geralmente o escritor ou o diretor dos diálogos do filme), por meio de uma série de anotações para a tradução que a comentam, oferece múltiplas proposições e amplificações, ou até mesmo expressa dúvidas. De los Reyes demonstra, assim, o grau que o tradutor de uma dublagem usa em determinadas competências para a produção da parte dublada para preparar um texto que antecipa a próxima fase de sua realização. Isso salienta como as questões da autoridade textual e toda a reivindicação da *auctoritas* do tradutor são muito diferentes, neste contexto, da tradução literária para a publicação de um livro.

A questão da revisão e como ela pode ser integrada à genética da tradução é retomada por Giovanna Scocchera em “Computer-based Collaborative Revision as a Virtual Lab of Editorial/literary Translation Genetics”. Ela foca nos ambientes de escrita digital onde a maioria dos tradutores atualmente trabalha, examinando como as tecnologias informatizadas de revisão colaborativa deixam traços do trabalho de revisão, os quais têm um impacto direto na tradução.

A regênese não só do texto fonte, mas da tradução em si, é um fenômeno que os tradutores que postam suas traduções online encontram cada vez mais frequentemente. Em “Methodological Path to the Genesis of a Digital Translation”, Lingjuan Fan examina as interações dinâmicas e sofisticadas que surgem quando os tradutores submetem os seus trabalhos ao exame cuidadoso dos leitores dotados da capacidade de comentar acerca das suas traduções e lhes é oferecido um espaço onde podem fazer isso, tendo acesso direto ao tradutor. Fan elabora, assim, uma nova área desafiadora e fascinante para a pesquisa da tradução genética, em que comunidades de leitores virtuais provocam mudanças na tradução que se desenvolve com eles. Aqui, a audiência participa da gênese da tradução em tempo real.

Essas duas últimas contribuições estendem o alcance dos estudos genéticos de tradução para além da pesquisa literária. Elas apontam para muitas outras formas de tradução não abordadas neste número. De fato, uma abordagem genética para a tradução pode ser adotada para textos especializados, técnicos, políticos, institucionais ou comerciais; ou ainda para qualquer outro tipo de texto traduzido. Enquanto os estudos genéticos de tradução genética herdaram um envolvimento com o processo criativo desde as suas origens na *génétique*, a criatividade é apenas um dos tantos processos tradutórios que os documentos da tradução atestam, porque eles oferecem uma prova tangível de um conjunto de habilidades implantadas pelos tradutores, habilidades que podem ser estudadas em conjunto com outras formas de pesquisa do processo de tradução, incluindo abordagens cognitivas. Deve ser enfatizado que uma abordagem genética não implica um retorno à visão hermenêutica da tradução que as abordagens dos estudos descritivos da tradução, culturais e sociológicas dissiparam. Pelo contrário, os estudos genéticos serão capazes de complementar e ser informados pela pesquisa da tradução cultural e sociológica, desde que as decisões e os processos do tradutor sejam entendidos como pertencentes a uma rede de trabalho de atores e de fatores sócio-temporais, econômicos, políticos e institucionais.

Várias contribuições neste número usam os documentos de trabalho do tradutor para identificar as várias mãos que contribuem para o processo de tradução. Elas medem o quanto estas diferentes partes influenciam a tradução performada ou publicada, ressaltando a necessidade dos estudos genéticos de tradução acompanharem os avanços recentes na pesquisa de tradução colaborativa. Muitos desses estudos procuram distanciar-se de um modelo herdado de que a escrita provém de uma autoridade individual, buscando outro modelo construído ao redor da pluralidade de atores e de processos. Os estudos genéticos de tradução deverão, portanto, examinar não só as decisões do “tradutor” individual, mas também das instituições, editores, corretores, leitores de prova e clientes que participam, cada um a seu modo, do processo de tradução. Além disso, dentro dos estudos da tradução literária, uma abordagem genética pode fornecer poderosos *insights* no processo colaborativo de tradução que permaneceram até então despercebidos. Mesmo em um dos casos mais visíveis de colaboração – a cotradução – não foi possível atrair a atenção dos estudiosos da tradução, apesar de ser uma prática muito difundida. Isso se confirma, por exemplo, pelo prêmio de tradução MLA de 2015, que foi dado a Maureen Freely e Alex Dawe pela tradução do turco ao inglês do livro de Ahmet Hamdi Tanpınar (*The Regulation Institute*), com a menção honrosa dada a Robert e Elizabeth Chandler pela sua tradução do russo do livro *The Captain's Daughter* de Alexander Pushkin. Um melhor conhecimento da dinâmica da cotradução através dos estudos dos *avant-textes* permitirá aos pesquisadores formular hipóteses fundamentadas no que diz respeito ao estilo e a outras escolhas de tradução, sobretudo quando o domínio da língua de chegada e da língua de partida se encontra dividido de forma irregular entre os tradutores – como é o caso de Richard Pevear e Larissa Volokhonsky, tradutores de livros clássicos em inglês para o russo, ou os franceses Noël e Liliane Dutrait, tradutores do prêmio Nobel de 2000, o chinês Gao Xingjian. Enquanto a crítica genética teorizou de que forma a sua metodologia pode explicar algumas especificidades do texto teatral – examinando as fases da escrita, dos ensaios, da performance, e finalmente, mas não necessariamente, da publicação³⁵ – ela não fez um esforço para considerar a próxima etapa em sua autoridade colaborativa: a tradução.

De fato, o potencial para a pesquisa genética nos vários tipos de processo de tradução colaborativa é vertiginoso. A mente fica totalmente confusa ante a perspectiva de estudar a tradução francesa da Bíblia editada por Frédéric Boyer, Marc Sevin e Jean-Pierre Prévost³⁶, onde vinte escritores francófonos colaboraram com vinte e sete exegetas competentes em hebreu, aramaico e grego! Por outro lado, nas descobertas de Eva Karpinski neste volume, a pesquisa genética nas interações entre autor-tradutor testemunham como a intimidade e o emocional podem complicar as vidas literárias de autores e tradutores, que às vezes vem à tona – como o caso de escritor português José Saramago e sua esposa e tradutora para o espanhol, Pilar del Río – ou se tornam pontos de conflito e rivalidade, como Anokhina³⁷, e Hersant³⁸ (no prelo) demonstraram.

³⁵ LÉGER, N.; GRÉSILLON, A. (Eds.). Théâtre [Edição especial]. *Genesis*, nº 26, 2006.

³⁶ BOYER, F.; SEVIN, M.; PREVOST, J. P. (Eds.). *La Bible: nouvelle traduction*. Paris: Bayard, 2001.

³⁷ ANOKHINA, O. Vladimir Nabokov and his translators: Collaboration or translating under duress. In: CORDINGLEY, A.; FRIGAU MANNING, C. (Eds.), *Collaborative translation: From the Renaissance to the digital age*. London: Bloomsbury. No prelo.

³⁸ HERSANT, P.. Author-translator collaborations: A typological survey. In: CORDINGLEY, A.; FRIGAU MANNING, C. (Eds.), *Collaborative translation: From the Renaissance to the digital age*. London: Bloomsbury. No prelo.

Conclusão

Este número da *Linguistica Antverpiensia* é testemunha do fato de que os arquivos dos tradutores não devem mais ser considerados como mera curiosidade para o estudioso ou colecionador, mas sim recursos essenciais para a compreensão dos processos envolvidos no ato da tradução. Os *avant-textes* oferecem uma oportunidade rara para avaliar as diferentes estratégias e os diferentes graus de criatividade e autonomia exercidas pelo tradutor, ou tradutores, durante o processo de escrita. É cada vez mais claro que os esforços da crítica genética em estabelecer uma autonomia (relativa) do *avant-texte* em relação ao que o precede encontra um paralelo nos movimentos contemporâneos dentro dos estudos da tradução que tem como objetivo estabelecer a tradução como independente de sua fonte. Defendendo a crítica genética, Bellemin-Noël³⁹ utiliza metáforas orgânicas de filiação, descrevendo os *avant-textes* como se fossem as “mães” da sua prole textual sobre cujo desenvolvimento não há garantias. Alguns estudiosos da crítica genética deste número seguem Scott⁴⁰ ao argumentar que a tradução propaga certo processo de geração, reativando o *continuum* da gênese textual através de um procedimento inverso, onde a tradução torna inacabado o texto fonte, tornando-o um *avant-texte* da tradução. De fato, as práticas da tradução e a pesquisa genética seguem caminhos similares, como apontado por alguns críticos genéticos que abordam a tradução⁴¹. Assim como a tradução, é da própria índole da crítica genética inacabar aquilo que parecia acabado, desestabilizar a autoridade textual ao submeter o texto às suas múltiplas testemunhas e encarnações.

Este número da *Linguistica Antverpiensia* identificou novos desafios para os estudiosos da crítica genética e revelou que quando os pesquisadores estudam os textos traduzidos produzidos fora do âmbito tradicional da crítica genética – estudos literários – surgem algumas lacunas na metodologia que necessitam ser observadas. A crítica genética ainda não desenvolveu, como pode ser visto, uma metodologia coerente para lidar com a tradução colaborativa ou com as ferramentas digitais usadas para produzir traduções, como a legendagem, a legendagem eletrônica, a dublagem, e traduções de várias outras mídias. Tampouco buscou integrar em sua metodologia uma especial atenção a como o uso de uma máquina que traduz e memórias de tradução alimentam a gênese da tradução com um texto gerado pelo computador ou de um texto derivado de traduções e tradutores anteriores. E nem considerou, de forma mais geral, as questões da ontologia textual na tradução, das diferenças inerentes entre textos traduzidos e textos não traduzidos, e como essas diferenças complicam uma teoria para a gênese textual. Em todo caso, este número especial ofereceu – assim esperamos – exemplos de como esta disciplina emergente pode abordar os desafios que a aguardam.

³⁹ BELLEMIN-NOEL, J.. Psychoanalytic reading and the avant-texte. In: DEPPMAN, J.; FERRER, D.; GRODEN, M. (Eds.), *Genetic criticism: Texts and avant-textes*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2004, p. 31.

⁴⁰ SCOTT C.. Translating the literary: Genetic criticism text theory and poetry. In: BASSNETT, S.; BUSH, P. (Eds.), *The translator as writer*. London: Continuum, 2006, p. 106-117.

⁴¹ BOURJEA, S.. Avant-propos. In: BOURJEA, S. (Ed.), *Génétiq ue & traduction*. Paris: L'Harmattan, 1995, pp. 5-8. DURAND-BOGAERT, F.. Présentation: ce que la génétique dit, la traduction le fait. Traduire [Edição especial]. *Genesis*, n° 38, 2014, p. 7-10.

Referências

- Anokhina, O. Les traductions vers l'anglais de Vladimir Nabokov: traduction ou autotraduction? *Glottopol*, n° 25, 2015, p, 198-210
- Anokhina, O. Vladimir Nabokov and his translators: Collaboration or translating under duress. In: Cordingley, A.; Frigau Manning, C. (Eds.), *Collaborative translation: From the Renaissance to the digital age*. London: Bloomsbury. No prelo
- Boyer, F.; Sevin, M.; Prévost, J. P. (Eds.). *La Bible: nouvelle traduction*. Paris: Bayard, 2001.
- Barthes, R.. De l'oeuvre au texte. *Revue d'esthétique*, n° 24(3), 225-232, 1971.
- Beckett, S.. *Proust and three dialogues with Georges Duthuit*. London: John Calder, 1976.
- Bellemin-Noël, J. *Le texte et l'avant-texte: les brouillons d'un poème de Milosz*. Paris: Larousse, 1972.
- Bellemin-Noël, J.. Psychoanalytic reading and the avant-texte. In: Deppman, J.; Ferrer, D.; Groden; M (Eds.), *Genetic criticism: Texts and avant-textes*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2004, p. 28-35.
- Bourjea, S. (Ed.). *Génétique & traduction*. Paris: L'Harmattan, 1995.
- Bourjea, S.. Avant-propos. In: S. Bourjea (Ed.), *Génétique & traduction*. Paris: L'Harmattan, 1995, p. 5-8.
- Benjamin, W.. The Task of the translator. In: Bullock, M.; Jennings, M. (Eds.), *Selected writings*. Vol. 1 1913-1926. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 2002.
- Contini, G.. *Varianti e altra linguistica*. Torino: Einaudi, 1970.
- De Biasi, P.-M.. *Génétique des textes*. Paris: CNRS, 2011.
- Debray-Genette, R.. Génétique et poétique: le cas Flaubert. In: Hay, L. (Ed.), *Essais de critique génétique*. Paris: Flammarion, 1979, p. 21-67.
- Deppman, J.; Ferrer, D.; Groden, M. (Eds.). *Genetic criticism: Texts and avant-textes*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2004.
- Derrida, J.. *L'Écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967.
- Dillen, W.; Caroline, M.; Van Hulle, D. (Eds.). Texts beyond borders: Multilingualism and textual scholarship [Special issue]. *Variants: The Journal of the European Society for Textual Scholarship*, n° 9. Amsterdam: Rodopi, 2012.
- Durand-Bogaert, F. (Ed.). Traduire [Edição especial]. *Genesis*, n° 38, 2014.
- Durand-Bogaert, F.. Présentation: ce que la génétique dit, la traduction le fait. Traduire [Edição especial]. *Genesis*, n° 38, 2014, p. 7-10.
- Durand-Bogaert, F.. Les deux corps du texte. Traduire [Edição Especial]. *Genesis*, n° 38, 2014, p. 11-22.
- Ferrer, D.. Production, invention and reproduction: Genetic vs. textual criticism. In: Bergman Lozeaux, E.; Fraistat, N. (Eds.), *Reimagining textuality: Textual studies in the late age of print*. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 2002, p. 48-59.
- Ferrer, D. Avant-texte. *Dictionnaire de Critique Génétique*. Disponível em: [www.item.ens.fr]. Acesso em: 20 out. 2015, 2010.
- Ferrer, D.. Critique génétique et philologie: racine de la différence. *Genesis*, n° 30, p. 21-23, 2010.
- Ferrer, D.. *Logiques du brouillon: modèles pour une critique génétique*. Paris: Seuil, 2011.
- Folena, G. *Volgarizzare e tradurre*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, 1994.
- Grésillon, A.. *Éléments de critique génétique*. Paris: PUF, 1994.
- Greetham, D. C.. *Textual scholarship: An introduction*. Garland Reference Library of the Humanities 1417. New York, NY: Garland, 1994.
- Hay, L.. *Les Manuscrits des écrivains*. Paris: Hachette, CNRS, 1993.

- Hartmann, E. C.. Histoire d'une traduction. *Souffles de Perse*, n° 9, 2000, p. 11-27.
- Hersant, P. Author-translator collaborations: A typological survey. In: Cordingley, A.; Frigau Manning, C. (Eds.), *Collaborative translation: From the Renaissance to the digital age*. London: Bloomsbury. No prelo.
- Lebrave, J.-L.. La Critique génétique: une discipline nouvelle ou un avatar moderne de la philologie? *Genesis*, n° 1, 1992, p. 33-72.
- Léger, N.; Grésillon, A. (Eds.). Théâtre [Edição especial]. *Genesis*, n° 26, 2006.
- Gama, M., & Pino, C. (Eds.). Tradução [Edição especial]. *Manuscrita. Revista de Crítica Genética*, n° 20, 2011.
- Grando, C.. Genética e tradução: A poética de Hilda Hilst. *Manuscrita. Revista de Crítica Genética*, n° 10, 2001, p. 141-153.
- Guzmán, M. C.. *Gregory Rabassa's Latin American literature: A translator's visible legacy*. Lewisburg, PA: Bucknell University Press, 2010.
- Guzmán, M. C.. Translation north and south: Composing the translator's archive. In: Buzelin, H.; Nouss, A. (Eds.), *Translating concepts in human and social sciences: Around Daniel Simeoni's thinking* [Special issue]. *TTR*, n° 27(1), 2014.
- Montini, C. (Ed.). *Traduire: genèse du choix*. Paris: Éditions des archives contemporaines, 2015.
- Munday, J.. The role of archival and manuscript research in the investigation of translator decision-making. *Target. International Journal of Translation Studies*, n° 25(1), 2013, p. 125-139.
- Paret-Passos, M.-H.. *Da crítica genética à tradução literária: uma interdisciplinaridade*. Vinhedo: Horizonte, 2011.
- Proust, M.. *Le temps retrouvé*. Vol. IV. Paris: Pléiade, Gallimard, 1998.
- Romanelli, S.. *Gênese do processo tradutório*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013.
- Romanelli, S.; Soares, G. N.; de Souza, R., (Eds.). *Dom Pedro II: Um tradutor imperial*. Florianópolis: Editora Copiart, 2013.
- Sardin-Damestoy, P.. *Samuel Beckett, autotraducteur ou l'art de l'« empêchement »*. Artois: Presses Universitaires d'Artois, 2002.
- Scott, C.. Translating the literary: Genetic criticism text theory and poetry. In: Bassnett, S.; Bush, P. (Eds.), *The translator as writer*. London: Continuum, 2006, p. 106-117.
- Traduire [Edição especial]. *Genesis*, n° 38, 2014.
- Van Hulle, D.. *Modern manuscripts: The extended mind and creative undoing from Darwin to Beckett and beyond*. London: Bloomsbury, 2014.
- Van Hulle, D.; Weller, S.. *The making of Samuel Beckett's 'L'Innommable' / 'The Unnamable'*. London: Bloomsbury, 2014.
- Willemart, P.. *Critique génétique: pratiques et théories*. Paris: L'H